

As manifestações de agressividade infantil no ambiente escolar

Adriana Maria de Souza Monteiro

Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

Aurelania Maria de Carvalho Menezes

Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

DOI: 10.47573/aya.88580.2.53.6

RESUMO

Essa pesquisa é relevante porque procurou conhecer um dos comportamentos considerado problema dentro das escolas e tem preocupado a educação infantil. Buscou através de seus muitos conceitos, entender os tipos de agressões e o perfil do agressor. O comportamento agressivo na infância tem estimulado diversos estudos para entender as causas e o porquê de tal manifestação no início da vida. Pretendeu-se analisar as atitudes dos educadores no trato com o aluno agressivo e de que forma ele inibe tal comportamento. Salienta a importância da parceria entre professor e família e a necessidade de usar a autoridade quando preciso, mas sem deixar a afetividade, cada um dos sentimentos pode e deve fazer parte das interações onde a família e o professor faça parte. No aspecto geral, objetivou-se compreender as várias razões que levam uma criança a agir com agressividade no âmbito escolar e desenvolver maneiras adequadas de atender a cada tipo de manifestação agressiva. A agressão seja ela física ou moral consiste em desestabilizar o indivíduo e assim caracterizá-lo como um ser desequilibrado perante a sociedade. Na vida escolar os alunos do ensino infantil estão passando por um processo de mudanças nos seus aspectos físicos e psicológicos e isso faz com que elas fiquem mais nervosas, levando a criança a desenvolver uma forma mais agressiva em sala de aula. Essa pesquisa estuda a maneira mais fácil de inserir essas crianças em uma sociedade através de uma nova forma de ensino onde o aluno ouve e é ouvido com a motivação não apenas dos pais, mas em conjunto com a escola e a sociedade e assim fazer da sala de aula um ambiente agradável para conviver. A pesquisa foi bibliográfica e descritiva, embasada nos escritos de teóricos, como: Bertão (2004), Ramirez (2001), Peres (2015), Lovera (2008), Dias (2014), Bandura (1999) e outros.

Palavras-chave: afetividade. agressividade. comportamento. manifestação.

INTRODUÇÃO

A agressividade é um comportamento com várias faces e por ser atual, esse trabalho levanta uma questão urgente: quais seriam as principais causas das manifestações de agressividade de uma criança no ambiente escolar? E de que forma um professor pode trabalhar com alunos que agem com agressividade? Sendo assim, levantou-se questionamentos a respeito do problema e assim, compreender as várias razões que levam uma criança a agir com agressividade no âmbito escolar, se é reflexo de acontecimentos domésticos, ou de outras causas emocionais.

A agressão desestabiliza qualquer pessoa, sendo ou não criança. Então, buscar formas de reverter essa questão tem sido o alvo de muitos profissionais e também de muitas famílias. Essa pesquisa estuda a maneira mais fácil de inserir essas crianças em uma sociedade através de novos métodos de ensino onde o aluno ouve e é ouvido com a motivação não apenas dos pais, mas em conjunto com a escola e a sociedade e assim fazer da sala de aula um ambiente agradável para conviver .

O presente trabalho é de natureza qualitativa e foi elaborado através de elementos de pesquisa bibliográficas, por meio de livros, revistas e sites que deram um vasto suporte, favorecendo a obtenção de muitas respostas sobre a realidade vivenciada por diversas escolas, sendo cada vez mais comum acontecer dentro do universo infantil.

CONCEITO DE AGRESSIVIDADE

Segundo o Dicionário Aurélio (Internet), a “agressividade” é definida como “Qualidade do que é agressivo; combatividade.”

Para Bertão (2004) a agressividade é essencial na sobrevivência, desenvolvimento, defesa e adaptação dos indivíduos. A autora considera a agressividade como um elemento protetor que possibilita a construção de um espaço interno, promovendo a diferenciação entre o Eu e o Outro, bem como a criação de vínculos.

Sendo assim, a manifestação do comportamento agressivo é totalmente comum nos primeiros anos de vida da criança. Na infância, é muito comum acontecer e é uma atitude que as crianças utilizam para chamar a atenção, querem ser o foco. Elas reagem assim quando estão à frente de algo que se sintam fragilizadas e totalmente inseguras. Na fase adulta, a agressividade é uma reação a fatos que geralmente incitam à disputa ou determinados sentimentos.

Tipos de agressão

Existem muitos tipos de agressão e muitos deles são praticados dentro da sala de aula, porém, o mais comum dentre eles é o bullying, que consiste em apelidos cheios de maldades e com a nítida intenção de humilhar e constranger.

Para Costa e Vale, (1998); Ramirez, (2001):

Os comportamentos agressivos, particularmente nas escolas, são uma temática que cada vez mais preocupa a sociedade, principalmente pela amplitude que tem alcançado. Impõe-se, então, a questão: terá a agressividade aumentado em proporções alarmantes, ou ter-nos-emos nós tornado mais sensíveis face à sua maior visibilidade social? (COSTA e VALE, 1998; RAMIREZ, 2001).

Não somente o espaço escolar, mas a sociedade inteira sofre com as agressões, principalmente porque o agressor é um cidadão que merece ser escutado e ajudado.

Essa forma de agressão é praticada por um ou mais agressores e a vítima sempre é alguém mais fraco. Os três tipos mais frequentes entre alunos em sala de aula são: Verbal: o agressor faz uso de apelidos e costuma cochichar, discrimina o outro pela raça e cor de pele, também intimida e amedronta, provoca e xinga suas vítimas; Física: costuma bater, empurrar, beliscar, chutar, ou até mesmo cuspir em suas vítimas; Social: gosta de espalhar rumores contra à respeito da vítima, sente prazer em isolá-la de grupo, assim como constranger dentro ou fora da escola.

Perfil do agressor

O perfil do agressor sempre é o do valentão da turma. É autoritário, ameaçador, cruel e arrogante, o contrário do perfil da vítima que é alguém tímida com baixa auto-estima e dificuldade de aprendizado e de relacionamento ou também pouco sociável. Todos os tipos de agressividade trazem consequências graves não apenas para as vítimas, mas também para o agressor e sua família assim como para a sociedade em geral.

Sobre a motivação para a prática da agressão Ramirez (2001) compreende que:

O que parece motivar os agressores é o desejo de intimidação e de domínio, aliado ao abuso de poder. De um modo geral, adotam uma atitude tirânica, perseguindo e oprimindo um colega de modo repetitivo, tornando-o sua vítima habitual. Este fenômeno pode assumir diversas formas, nomeadamente verbal (insultos, alcunhas, ameaças,...), física (roubar, danificar objetos, ataque físico,...) e indireta (exclusão social e divulgar rumores pejorativos) (Ramirez, 2001).

Percebe-se que o agressor quer ser o centro das atenções e ele consegue efetivar tal desejo subjugando pessoas que demonstram fragilidade. Não é difícil encontrar pessoas frágeis e elas são facilmente intimidadas.

Ramirez (2001) ainda observa que se trata de uma experiência traumática marcante, havendo danos físicos e morais, associados a tensão nervosa, dores de cabeça e estômago, crises de ansiedade e pesadelos.

Por outro lado, deve-se observar que o agressor mesmo com um perfil de violento ele também é vítima de si próprio pôs o agressor sofre com a baixa auto estima, falta de confiança e tem dificuldade de viver em sociedade, além de não conseguir emprego com facilidade, ver maldade em tudo e se sente o maioral diante de sua vítima.

Os primeiros sinais de uma criança que manifesta ser vítima de agressão no ambiente escolar é: choro sem motivos aparente, raiva e irritação depressão, mudança brusca de comportamento, complexo de inferioridade, desejo de não ir ou de abandonar a escola baixa autoimagem e baixa autoestima.

Muitos pais querem tirar satisfações quando sabem que seu filho sofreu algum tipo de agressão e chegam a procurar os pais da criança agressora. Mas devem esquecer, que estão lidando com crianças e que estas estão tentando se manifestar de alguma forma. Muitos pais, até ensinam seu filho a revidar. Ainda conforme Peres (2015), tal ensinamento é a pior das lições:

Os pais de uma criança agredida precisam ser mais maduros e entender que os filhos estão conhecendo algo que vão encontrar na vida. Claro que protegemos e orientamos sempre uma criança. Mas não dá para achar que nada de desagradável irá acontecer com eles. É coerente tolerar e defender em medidas razoáveis. Seu filho levou uma mordida, mas não precisa ser a vítima passiva. É um bom momento de ele começar a aprender que existem maneiras de se defender sem que tenha de se tornar uma criança agressiva também. E terá a chance, inclusive, de mostrar isso ao amigo agressor. “. (PERES, 2015).

Com isso, entende-se que não é correto ensinar a revidar e sim, a melhor saída é ensiná-lo a se defender, o que não significa atacar de volta, mas não permitir a agressão.

Mas deve-se analisar que nem sempre a criança é vítima, ela também pode ser o agressor. E vale ressaltar que nem sempre as agressões acontecem como bullying, elas se manifestam por impaciência, insatisfação, falta de atenção, de afeto, conflitos domésticos, entre outros tantos motivos.

A família pode estar incentivando, inconscientemente, a agressividade na criança, isso pode acontecer ao imitar certas atitudes do adulto, por exemplo, e quando não são repreendidos. Peres (2015) relaciona algumas atitudes:

“Se o pai dirige de maneira violenta, xingando e fechando os outros carros, esse é o modelo de masculinidade que o filho vai receber. Uma família mais agressiva, com pais muito bravos, virulentos em suas palavras, transmite esse modo de funcionamento aos filhos. Fica natural se comportar dessa maneira“. (PERES, 2015).

Muitos pais têm recorrido a médicos e psicólogos para entender o comportamento agressivo de seus filhos. Cada vez mais crianças tem apresentado agressividade no dia a dia, dentro do contexto familiar e dentro das salas de aulas.

Sendo assim, é inevitável que haja uma grande preocupação social com esse quadro, principalmente pelo fato de muitos pais não saberem lidar com a situação e que pelo fato de serem crianças, os pais não sabem controlar as birras e eles mesmos terminam sendo agredidos pelos pequenos.

É importante que os pais busquem soluções ou tratamento para o comportamento agressivo ainda na infância, pois a chance de se arrastar para a adolescência é grande, acarretando diversos tipos de transtornos que impossibilite uma interação familiar e escolar saudável.

A manifestação da agressividade na infância

Muitos pesquisadores escreveram e escrevem sobre a agressividade, haja vista ser um tema em evidência nos lares e nos espaços educacionais. Muitos destes estudos concordam que a agressividade sujeita-se às influências inatas ou instintivas, e outras pesquisas dizem que é um comportamento aprendido.

Tais concepções, confirma o pensamento a consideração de Silva *et al.* (2015) quando diz que existe uma recorrente discordância nos estudos ao falar sobre os comportamentos agressivos no ser humano.

Sobre ser um comportamento inato, Gagliotto; Berté e Vale (2012) falam que:

Ao nascer, a criança chora e grita, esse é o primeiro sinal da sua agressividade. Normalmente, as crianças apresentam comportamento agressivo frente a situações que as rodeiam, são comportamentos que não necessariamente vise prejudicar ou violentar alguém, podendo simplesmente ser uma manifestação ou medo por alguma situação e assim reagir de forma agressiva, sem a intenção de machucar. (GAGLIOTTO; BERTÉ e VALE, 2012).

Lovera (2008) compartilha da mesma posição e define a agressividade como manifestações iniciais da vida da criança. O impulso agressivo evolui de acordo com a estrutura psíquica e de personalidade, nas diferentes fases do desenvolvimento do sujeito, e vai atingindo diferentes graus de expressão. Conclui-se então, que Lovera (2008) acredita que a infância é uma fase onde aparecem inúmeros recursos físicos de descontentamento e que são expressos com algumas atitudes, como chutar, morder, arranhar e puxar cabelos. Assim, à medida que desenvolve a linguagem, os comportamentos agressivos também crescem de formas distintas, a criança pode ser hostil como uma forma de se adaptar ao mundo.

A agressividade está sujeita a múltiplos fatores, pois “a despeito da multiplicidade de fatores envolvidos na conduta agressiva (biológicos, psicológicos, ambientais, socioculturais), ela só ganha sentido se localizada em quadros socioculturais específicos” (SILVA, 2015, p.132).

Para a sociedade, estes comportamentos são inaceitáveis, pois foge do tolerável, sendo preciso muitas vezes ser escondido e por ser ocultado, muitos não buscam tratamento, causando transtornos na fase adulta e comportamentos antissociais na fase da adolescência.

Para Dias (2014) a Teoria Etológica apresenta semelhança com os comportamentos dos animais e defende a agressividade como inata, e visa prevenir e proteger-se. O que diverge da

Psicanálise, pois para Freud, a agressividade é destrutiva. Lorenz (1973 *apud* DIAS, 2014) diz que é natural do ser humano, uma questão de sobrevivência e de seleção de espécie e que deve ser liberada para impedir distúrbios sociais.

Para o Behaviorismo, a agressividade é defendida por Dollard *et al.* (1939 *apud* DIAS, 2014) a agressão é uma forma de reagir à frustração, uma resposta ao sentimento de raiva, frustrações e outros estados emocionais do sujeito, desencadeados por fatores externos.

Na modelagem, conceito de Bandura (1999 *apud* DIAS, 2014) diz que:

A agressividade é a aprendizagem de um comportamento a partir da observação de modelos. O comportamento agressivo é socialmente aprendido, e não está ligado nem a sentimentos inatos nem a frustrações, raiva ou ira. (ALBERT BANDURA, 1999 *apud* DIAS, 2014).

Bandura (1999) rejeita a ideia do inatismo, a criança não nasce com comportamento agressivo, mas que se aprende a partir do que é visto ao seu redor, ou seja, através do comportamento de outras pessoas.

Ribeiro (2008) concorda com a teoria Bandura, e diz que atualmente é dada a criança, um sujeito ainda em desenvolvimento, o poder de selecionar, escolher o que consome. Nos estudos feitos por Velez (2010 *apud* DIAS, 2014) verificou-se que, em 70% das experiências realizadas, assistir a filmes violentos fez aumentar consideravelmente a agressividade nas crianças e que a violência doméstica, os comportamentos agressivos de familiares, influenciam o para a aprendizagem de tal comportamento.

Constata-se que, devidos as muitas abordagens teóricas, há uma certa dificuldade de conceituar o comportamento agressivo, mas é fato que muitos estudos sobre o tema, o consideram impactantes para os envolvidos. Ainda não existe uma resposta concreta sobre que os principais fatores responsáveis agressividade. O comportamento agressivo é complexo, com variáveis internas e contextuais, que se comunicam ao longo do desenvolvimento da criança.

Para Dias (2014):

A agressividade está presente no indivíduo desde as fases mais precoces, sendo um dos fatores que intervém no seu crescimento e na estruturação da sua personalidade, sendo necessária à sua sobrevivência, desenvolvimento e adaptação. Por estes motivos é normal que a criança manifeste impulsos agressivos adaptativos, os quais se revelam desde o nascimento e que vão, progressivamente, diminuindo à medida que a criança interioriza normas familiares, escolares e sociais. Todavia, a agressividade também pode desenvolver-se de forma anormal, encerrando uma conotação negativa e não adaptativa. (DIAS, 2014, p. 69)

Em se tratando de agressividade intencional como estratégia para resolver conflitos e situações de estresse, ela é vista com conotação negativa e nesse contexto, assume sua natureza psicopatológica, vista assim por (LOVERA, 2009; MARTINS, 2009 *apud* DIAS, 2014; WEBSTER-STRATTON, 2005; VELEZ, 2010 *apud* DIAS, 2014). Lochman (2003) contribui com os referidos autores quando verifica que as crianças com três anos são mais desafiadoras e desobedientes.

A agressividade durante a infância e a adolescência tem se apresentado como relativamente estável, mas preocupante, pois tem se revelado mais sólido quando é comparado com outros padrões comportamentais, também revela que a agressividade crônica na infância é o maior preceptor comportamental de dificuldade de ajustamento social e emocional na idade adulta.

Webster-Stratton (2005) afirma que:

[...] o melhor preditor da agressividade aos 19 anos de idade é ser-se agressivo aos 8 anos". Existindo, portanto, uma relação de riscos entre crianças que apresentaram comportamentos agressivos não adaptativos e futuros adolescentes e adultos com problema de desadaptação social. Infelizmente, projeções recentes sugerem que a proporção de crianças que necessitam de serviços profissionais devido a comportamentos agressivos e que realmente os recebem fica abaixo de 10% no caso de crianças em idade escolar (essa proporção é ainda menor no caso de crianças em idade pré-escolar); e menos de 50% desse grupo é alvo de intervenções empiricamente validadas. (WEBSTER-STRATTON, 2005)

Como já demonstrado, a agressividade na infância pode ser decorrente de fatores internos e externos, podem ser relacionados e influenciados à família, aos professores na escola e também por um colega. É certo dizer que, lamentavelmente, quando a criança é exposta a fatores de risco, contribui-se para que se comportem agressivamente.

O comportamento agressivo se apresenta de muitas formas e em contextos diversos, sendo assim, o ambiente escolar é um ótimo lugar para realizar pesquisas e colocar em prática intervenções sobre o tema, e uma excelente oportunidade de ajudar o professor, pois muitos não sabem lidar com tal comportamento.

A atitude do professor para inibir a agressividade

É bastante comum nos dias de hoje, encontrar professores com muitas dificuldades em sala de aula, principalmente no que diz respeito a indisciplina e a agressividade por parte de um número considerável de alunos.

Muitos questionam a atitude do professor diante de tais conflitos, se está ou não preparado para resolvê-los. O que fazer, então? Sabe-se que não se deve deixar passar despercebido qualquer comportamento agressivo. Roldán (2015) diz que:

Quando existe um aluno agressivo em sala de aula não se deve ignorar a conduta, porque se não dermos caso à situação é como dizer à criança que estamos de acordo com o que ela está fazendo e pode aumentar a probabilidade de novas agressões, de desajustes e do fracasso escolar e social. (ROLDÁN, 2015).

Ao perceber uma atitude agressiva na sala, o educador não deve ignorar, fingir que não está vendo, mas deve adotar uma postura firme e ao mesmo tempo paciente com o agressor com eles e abordar o assunto de forma clara e objetiva, mas sem assustar o estudante. Deve encontrar uma maneira de ajudá-lo, procurando entender o porquê do desentendimento com os colegas e assim, por meio de muito diálogo, o educador irá ouvir as frustrações deste aluno para compreendê-lo, para assim, conseguir um modo eficaz para inserir este aluno no ambiente escolar e fazer com que ele volte ao bom convívio com os demais alunos.

Uma maneira mais fácil de trabalhar em sala de aula com um aluno agressivo é antes de tudo ganhar a confiança dele, descobrindo o que ele gosta de fazer incentivá-lo a interagir com os colegas. Mesmo o aluno mais agressivo tem sempre um ou dois amigos em quem confiam e têm uma melhor afinidade e é através destes colegas, que a professora terá a chance de conquistar esse aluno, ganhar a confiança desta criança, que será cativada até ela se sentir segura o bastante para contar ao seu educador os seus problemas.

Não se deve forçar aproximação, o aluno tem o seu tempo e é preciso ser respeitado.

Para cada tipo de agressão existe um tipo de aluno, mas não somente o professor em sala de aula conseguirá mudar as atitudes de uma criança agressiva, é necessário que haja uma junção entre a escola e a família para que juntos tentem encontrar uma maneira de se trabalhar o psicológico desse aluno até que se chegue a um esclarecimento sobre as razões que o levam a agir de maneira agressiva e se preciso, recorrer a tratamento com um profissional da saúde.

Quanto maior a idade de uma criança com um histórico de agressividade, mais difícil será para conseguir o afeto desse jovem. Tudo que uma criança que age com agressividade quer é que alguém ouça a sua voz, seu pedido de socorro, coisa que muitas vezes a sociedade não vê, mas sem a contribuição da família, escola e sociedade para juntos trabalhar o psíquico desse aluno, será impossível ajudá-lo de maneira que se sinta acolhido.

Muitas dessas crianças agem por impulso após serem agredidas e na maioria das vezes esse aluno tem um histórico de agressão desde muito cedo e encontra na violência uma maneira de se defender. O educador não deve excluir esse aluno do convívio com outras crianças isso só fará com que sinta mais raiva e faça com que ele acabe agindo por impulso. Muitas vezes, essa criança só está carente de atenção.

Roldán (2015) estabelece que o professor deve considerar outras respostas diante de um aluno agressivo e quando existir um aluno assim em sua sala, deverá ter mente:

1. Ter normas bem claras, bem estabelecidas e que estejam bem claras em sala de aula;
2. Se o professor trabalha com um quadro de comportamento, dar-lhe prioridade inclusive antes do conteúdo acadêmico;
3. Ter expectativas reais e razoáveis do aluno;
4. Evitar as competições para evitar os confrontos;
5. Reduzir a possibilidade de contato com possíveis vítimas de agressão por parte do aluno;
6. Estar sempre atento ao comportamento do aluno sem que ele dê conta, mas dar-lhes sinais e lembranças verbais sempre que for necessário;
7. Da mesma forma que pode ter consequências negativas por um mau comportamento, os professores devem deixar claros os reforços positivos e as recompensas por um bom comportamento (como realizar uma atividade desejada);
8. Manter uma conversa com os pais e os profissionais necessários de forma periódica para buscar soluções também nos demais contextos. É necessário que um aluno agressivo esteja em constante supervisão, por isso todos os membros do centro educacional deverão levar em conta o perfil deste aluno e vigiar o seu comportamento para poder reduzir o comportamento indesejado e reforçar o bom trabalho. (ROLDÁN, 2015)

Professor e família: pode-se ter autoridade sem perder a afetividade

Muitos estudiosos no assunto dizem que manifestações afetivas demonstradas por educadores na escola, contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, em muitos aspectos, na responsabilidade, nos relacionamentos e com ética na escola e na sociedade, pois desta forma, ajudam as crianças para a plena convivência em sociedade. Para isso acontecer, o professor deve ter consciência dos muitos caminhos da educação, de suas irregularidades, individualidades e de como modificar os métodos de ensino para fazer com que os alunos avancem, mesmo com algumas implicações práticas.

Segundo Luck e Carneiro (1983) e Fernandes (1990):

A escola, além das várias disciplinas obrigatórias, tem por obrigação desenvolver valores, atitudes e interesses, mesmo aqueles que são difíceis de serem postos em prática, como igualdade social para todas as pessoas, amor, amizade, honestidade, preservação do meio e muitos outros possíveis. (LUCK e CARNEIRO, 1983 e FERNANDES, 1990).

Sendo assim, para isso acontecer, o professor deve ser um elo entre a escola e o aluno, ser um agente de transformação, e para obter sucesso em seus objetivos, tratando a todos com afetividade, respeito e dedicação.

Para Freire (1985), a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, onde transita o medo, o sofrimento, o interesse, a alegria e o afeto. Mosqueira (1974) segue o mesmo pensamento de Freire e diz que a afetividade e o amor ocupam a terceira escala na sua teoria da hierarquia das necessidades e que sem ela o homem não teria o seu desenvolvimento completo. Desta forma, nota-se que a afetividade é importante para o desenvolvimento da criança. Por outro lado, é lamentável que muitos não percebam a grandiosidade da afetividade no processo de interação entre as pessoas e que muitas vezes chega a ser totalmente negligenciado.

Para o desenvolvimento integral da criança, a escola deve empenhar-se em promover atividades diversas ações, para que através delas, a criança desenvolva comportamentos, valores e ideais. Apesar disso, escolas de hoje em dia, apresentam crianças revoltadas, agressivas, com problema de interação, que descarregam nos colegas e educadores, muito “ódio e raiva”, revelando conflitos no processo educacional, mostrando os reflexos de nível social, familiar e cultural. A falta de afetividade é uma das causas destes problemas, pois ela é responsável pelos sentimentos.

Conforme nos diz Mosqueira (1974):

A afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados sempre da tonalidade dor e prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza, amor ou ódio. (MOSQUEIRA, 1974).

Desta maneira, a afetividade é uma atitude que une as pessoas. Ela encanta os atos, gestos, pensamentos e a própria razão de ser. Está relacionada ao amor, ao respeito e à aceitação do indivíduo consigo mesmo e com o próximo, será a semente de uma vida escolar saudável, que quando bem cuidado, impede a violência na escola, em casa e na sociedade.

Mas sabe-se que a criança não se desenvolve somente na escola, em casa ela continua com os aspectos cognitivos em evolução, e sendo assim, a criança também necessita de cuidados, de compreensão, de interação e afeto.

Algo muito discutido na sociedade é a parceria da família e escola e o que podem fazer juntas para mudar a realidade de muitas crianças. Para isso, há uma resposta clara e muito objetiva, uma não deve atribuir a outra a sua responsabilidade, mas podem ser colaboradoras, dando as informações necessárias quando solicitadas, para assim, fornecerem subsídios para mudar uma realidade ou para prevenir certas atitudes de suas crianças.

Ser afetuoso não significa deixar de ser responsável com seus deveres e práticas. Educadores e pais podem educar com afeto sem perder a autoridade quando necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo, a agressividade, um fenômeno bastante estudado, ainda existem questões de investigação relacionadas com essa temática e de como acontece a sua construção, que ainda não foram empiricamente pesquisadas. Para Dias (2014), no plano nacional e internacional, há uma escassez de estudos em torno da problemática das atitudes dos docentes perante a agressividade infantil em contexto de sala de aula e da sua implicação nos comportamentos agressivos ali observados (DIAS, 2014).

As pesquisas realizadas forneceram sustentação para as inquietações. O que é alarmante é constatar que a agressividade está cada vez mais presente dentro das salas de educação infantil e que muitos professores ainda não estão capacitados ou preparados para lidar com crianças de comportamento agressivo. Mas apresenta ricas dicas que podem ajudar ou solucionar tais manifestações e que a afetividade deve ser inseparável do fazer pedagógico.

Constatou-se que frequentemente, crianças que sofrem com algum tipo de transtorno emocional, torna-se um ser agressivo, que age por estímulos e reações sofridas dentro da própria casa e esse fator é o que leva essa criança a manifestar-se com agressividade

Uma constatação que abrange a escola e a família é que nunca foi tão importante a vivência de uma parceria efetiva entre estas duas instituições, pois unidas, podem fazer muito pelos estudantes, além de prevenir, a manifestação de muitos comportamentos negativos.

Evidenciou-se que sociedade trata crianças agressivas como pessoas ruins e mal educadas, mas a mesma não se preocupa em saber a origem do comportamento, o que leva a agir assim. Muitas vezes, por trás de uma criança agressiva existe uma família desestruturada que submete seus filhos a constantes momentos de desequilíbrio e abusos dentro de suas casas, fazendo com que a criança exparte para a escola, as consequências de tais momentos, pois cada uma age e reage a um tipo de agressividade não como forma de ataque mas sim, como uma maneira de se proteger das agressões de outros coleguinha

Vale salientar que é absolutamente preciso que se haja um maior investimento e colaboração na preparação de educadores capacitados para trabalharem com crianças um pouco mais levadas, com ações que estimulem esses profissionais a uma dinâmica prazerosa e atrativa onde consigam apropriar-se da atenção dessas crianças, estimulando-as a um convívio tranquilo com os colegas de sala.

REFERÊNCIAS

BERTÃO, A. Violência, agressividade e indisciplina em meio escolar: perdidos em busca do amor. Psicológica. 2004.

COSTA, M. E., e Vale, D. (1998). A violência nas escolas. Linda-a-Velha: Instituto de Inovação Educacional.

DIAS, M. P. D. A agressividade na infância: atitudes dos educadores de infância e professores do primeiro ciclo: um estudo de caso no Conselho de Ponta Delgada. 2014. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2014.

Dicionário Aurélio de Português Online.

FREIRE, J.B. Pedagogia do oprimido. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GAGLIOTTO, G. M.; BERTÉ, R.; VALLE, G. V. Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 144-160, jan./jun. 2012.

LOCHMAN, J. E. Programas e serviços eficazes na redução da agressividade em crianças pequenas. In: TREMBLAY, R. E. (Ed.). Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância: agressividade – agressão. 2003. p. 34-38. 248 Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 236-249, jul./dez. 2017 Sandralea Gonçalves Moura, Marília Maia Lincoln Barreira

LOVERA, R. R. Agressividade no período da latência através do teste do conto de fadas. 2009. 91 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LUCK e CARNEIRO (1983) e FERNANDES (1990). Distúrbios Comportamentais do escolar... e-revista. Unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/download.

MOSQUEIRA, J.J.M. Adolescência e provação. Porto Alegre: Sulina, 1974

PERES, Daniela. Como lidar com a agressividade infantil: Mônica Brandão (colaboradora), Publicado em 29 jun 2015.

Ramirez, F. C. (2001). Condutas agressivas na idade escolar. Amadora: McGraw Hill.

RIBEIRO, E. C. M. Crianças que se revelam agressivas: um estudo fenomenológico sobre o reconhecimento de agressividade em escolares. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pará, Belém, 2008.

ROLDÁN, Maria José. Alunos agressivos em sala de aula, conselhos para professores. <https://br.guiainfantil.com/materias/educacao/comportamento/alunos-agressivos-em-sala-de-aula-conselhos-para-professores/2015>.

SILVA, I. A. *et al.* Considerações sobre a agressividade infantil. Revista de Educação e Ensino, ano 17, n. 21, jan./ jun. 2015.

WEBSTER-STRATTON, C. Agressividade em crianças pequenas. Serviços que demonstram eficácia na redução da agressividade. In: TREMBLAY, R. E. (Ed.). Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância: Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 32, n. 2, p. 236-249, jul./dez. 2017 249 Agressividade infantil no contexto escolar: contribuições do psicólogo para a formação de professores agressividade – agressão. 2010. p. 29-33.